

O psicanalista e a modernidade*

A arte de responder à forclusão do real sexual

Cada vez mais, nossa modernidade propõe vitrinas mediáticas, platôs televisivos. O pensador que somos avalia sempre poder controlar os efeitos desse conhecimento sobre si mesmo, de seu julgamento que lhe permite aceitar o que é bom e rejeitar o que é ruim. Isto não é tão simples a partir do momento em que levamos em conta o valor do sintoma.

Ainda que olhemos, escutemos o que vem em nossa direção, pode acontecer de um sintoma se apossar de nosso ser. O que será que foi encontrado uma vez que o sintoma é uma resposta?

O objeto da fantasia como tapa-buraco

Aquilo que a experiência da transferência pode deixar se manifestar é que embora pensemos conscientemente olhar, ouvir, compreender, fomos mergulhados de repente num outro mundo onde somos radical e inconscientemente¹ olhados, ouvidos.

A experiência da transferência nos lembra o que tínhamos esquecido: somos, desde sempre, *já* olhados e *já* ouvidos no espetáculo do mundo. É assim que o objeto da fantasia é posto a nu.

Trata-se de uma inversão no corte atribuído a Freud no sonho de *O homem dos lobos*. Ele acredita que o objeto da fantasia presentificada do olhar dos lobos tem uma função bem definida, aquela de *tapa-buraco* no sentido de que impede o acesso ao furo do real sexual.

O que significa é que não só esse olhar fixa o jovem Serguei Pankejeff na posição manifesta de olhado, mas também que o próprio sonhador é ele mesmo fixado como aquele que olha. Isso não é tudo, o sonhador pode descobrir um *mais além* do fixo que é como objeto na fantasia.

e seu *mais além*, o real sexual

Como o sonho é uma formação do inconsciente, ele é **uma arte de responder ao real sexual** que deixou o ser falante sem fiador no dia ou dias que precederam. Isso que se apresenta como fantasia transparece por causa da suposição da transferência, com Lacan mais particularmente.

* Texto preparatório para minha comunicação nas Jornadas de Estudo nos dias 18,19 e 20 de fevereiro de 2005, no México, “Aos cem anos de publicação dos *Três ensaios* da teoria sexual”, organizadas pelo *Réseau Analytique Lacanien du Mexique* (Real) [“Rede Analítica Lacaniana do México”], com a participação da Escola Freudiana de Buenos Aires, no âmbito da Convergencia.

¹ No sentido de que ainda não podemos pensar esse mundo no qual essa percepção dita inconsciente pode se revelar no só-depois.

O segredo da fantasia no sonho por meio da dialética da transferência é ser como o impasse no qual se encontra manifestada a imobilidade olhado-olhador, o lugar de passe *mais além*, de onde o real da pulsão² pode re-desencadear o movimento pulsional na origem do Sujeito do inconsciente.

Eis a posição secreta da fantasia: é suposta não ser impossível de fazer retorno *mais além* da fantasia, “isso é o *mais além* da análise, e jamais foi abordado”, clama Lacan em 24 de junho de 1964.

Da privação materna

Com Lacan, o passador de Freud, o sonho de o *homem dos lobos* abre a porta que revela o campo inaudito e invisível do real sexual da privação materna. Ao furo real que ela é no campo do olhar se substitui o furo simbólico por vir de onde deve advir³, mais além do visto e do ouvido, a passagem que conduz a esse Sujeito que se não sabe, \$, herético moderno.

A descoberta de Freud é subversiva. Ela não poderia ser reduzida à vista da castração imaginária da mãe. Ela disso faz apelo, mais além do furo da mãe, ao furo *dentro* da mãe como falta *no* saber do Outro. Não é tanto a ausência *da* mãe, mas ausência *dentro* da mãe, porque agora se significa ali a presença *dentro* da ausência assim como a ausência *dentro* da presença.

Estariam foracluídos para nossa modernidade

Esse furo próprio ao sexual do qual a psicanálise da transferência se encarrega está foracluído para nossa modernidade. Ela se interessa pela sexualidade como surgimento de forças incontroláveis chamadas pulsões para avaliá-las, educá-las, suprimi-las se houver necessidade.

Fixada no e pelo desenvolvimento da técnica, ela observa. O humano se torna anônimo a seu serviço. Saídos de cena, os efeitos da apreensão pela linguagem e o objeto da fantasia. Saído de cena, o real sexual que ele encobre que, posto a descoberto, *mais além da fantasia*, é o primeiro tempo indispensável para aceder à palavra. Saído de cena, o ser falante.

O que é visto, esperado, é “o *homem sem qualidades*”.⁴

Esse dado de que Robert Musil tem pressentimento no início do século XX pode explicar o desenvolvimento de sintomas como a anorexia, bulimia, impotência, astenia, depressão e outros. Será que eles seriam o compromisso encontrado para encontrar a evidência⁵ do saber sem sujeito e fazer apelo a seu *mais-além*?

² Referimo-nos à pulsão invocante, “a *mais próxima da experiência do inconsciente*”. J. Lacan, *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Seuil, p. 96.

³ Trata-se do dever enviado por Freud pelo *Wo es war, soll ich werden* [“onde isso está o eu há de vir”].

⁴ Romance escrito em Viena por Robert Musil, no fim dos anos 1920, quando Freud se engaja no *Além do princípio do prazer*, publicado pela Éditions du Seuil, Points.

⁵ No sentido de que “evidência” vem de *videre*, verbo latino que significa “ver”.

Que prometera um homem médio configurado

Com efeito, o que nos olha cada vez mais é a transparência do contável, como se os sintomas se parecessem quantitativos, a serem reduzidos ou desenvolvidos. As técnicas psicoterápicas⁶ se reúnem nessa direção.

O saber da modernidade configura o humano pelas respostas previstas nos questionários, nos meios estatísticos, nas regras do bom funcionamento. O tempo do homem médio prolonga aquele do “homem sem qualidades”.

Em 1997, em algumas palavras, o filósofo Alan Badiou torna precisa essa involução: “A palavra cultura vem obliterar a da arte. A palavra técnica oblitera a palavra ciência. A palavra gestão oblitera a palavra política. A palavra sexualidade oblitera o amor.”⁷

O que a psicanálise pode responder do lugar onde ela está na transferência?

A arte de responder

Ao descobrir a importância da sexualidade no inconsciente, Freud estabeleceu um discurso de exceção: o recalque não é o recalque de uma coisa, mas o recalque de uma verdade. O que é perdido não é a verdade, mas a chave da nova linguagem no interior da qual ela continua a se dizer a partir dos sintomas, uma verdade recalçada que continua a significar em outro lugar, numa outra linguagem, a linguagem neurótica.

O sujeito não está mais no comando, o discurso continua a se articular, mas fora dele. Ele não é mais o centro de si mesmo, ele é um outro sujeito, o Sujeito do inconsciente.

Isso é excessivo para os “engenheiros de almas” de antes e de hoje. Eles querem aceitar a existência de forças sexuais que invadam repentinamente, sem prevenir, fora de qualquer lógica consciente. Mas essa suposição de uma sexualidade promovida a lugar de uma palavra, da neurose como um dizer *mais além* do dito, é inconcebível.

Abrindo o aturdido

A descoberta de Freud é bem aquela de um discurso de exceção porque não se trata de revelar a verdade a partir de um saber já existente encontrado por um observador anônimo, mas que a verdade se revela permanecendo velada.

E ecoa a abertura do aturdido em 14 de julho de 1972 em Beloeil:

*“O que se diz permanece esquecido atrás do que se diz naquilo que se ouve”.*⁸

Paris, 13 de novembro

Jean Charmoille, membro da *Insistance*

⁶ Que se caracterizam pelo fato de não levarem em conta a criação dentro da transferência.

⁷ Alain Badiou *Saint Paul. La fondation de l'universalisme*. P.U.F. 1997.

⁸ Jacques Lacan. *L'étourdit*. Scilicet 4, p. 5.

